

Educação depende de conselhos

ARNALDO NISKIER (*)

Ninguém pode supor que conheça a educação brasileira somente através de livros ou por informações mais ou menos engajadas. A visita pessoal é insubstituível.

Quando nos dispusemos a dirigir o sistema estadual de educação do Rio de Janeiro, por uma decisão pessoal, criamos um gabinete móvel, que se deslocou praticamente por todos os municípios fluminenses. Ouvimos diretores, professores, pais, alunos — toda a comunidade envolvida no processo. As idéias assim colhidas foram muito úteis para a tomada de decisões.

Com essa mesma disposição, aceitamos o convite da professora Marlene Alves Calumby, presidente do Conselho Estadual de Educação de Sergipe, para comemorar em Aracaju o 25º aniversário da entidade. Oportunidade para confraternizar com os seus membros, mas ensejo também para uma utilíssima troca de idéias com os colegas nordestinos.

Antes da cerimônia, tivemos o privilégio de um longo contato com D. Luciano Cabral Duarte,

arcebispo de Aracaju, ex-membro do Conselho Federal de Educação. Homem de cultura, formado em Filosofia na Sorbonne, atualizadíssimo. D. Luciano conhece os problemas do seu povo e tem uma visão universal na proposta de soluções, passando sempre pelo ideal de melhor educação para todos. Tivemos uma conversa muito esclarecedora em sua biblioteca, em meio a livros raros, todos eles manuseados com sofreguidão por esse homem notável da modernidade brasileira.

No Centro Educacional Tiradentes, todo florido, aconteceu a cerimônia programada. Muitas homenagens, inclusive a ex-governadores de Sergipe, até chegar ao Conselho Federal de Educação — a origem de tudo — representado por João Paulo do Vale Mendes e Arnaldo Niskier. Ambos tocamos num ponto essencial: para melhorar o desempenho da nossa educação é preciso contar com a íntima cooperação dos Conselhos Estaduais, aos quais têm acesso educadores de contato mais estreito com o que se passa nas escolas e, consequentemente, nas comunidades em geral.

Este é um ponto que precisa ser melhor esclarecido. Algumas forças acadêmicas se comprazem nas críticas ao CFE e propõem alterações substanciais em sua composição e finalidades. Ninguém pode ser contra a idéia do aperfeiçoamento. Depois dos 25 anos iniciais de atividades, primeiro no Rio de Janeiro e depois em Brasília, é certo que o Conselho Federal precisa de ajustes, debruçando-se com mais intensidade nos magnos problemas da educação nacional. Mas daí a virar pelo avesso o órgão parece um exagero descabido, proposto por pessoas sem a necessária vivência, embora envolvidas por uma aura mudancista sem eira nem beira.

Ao falar, a professora Marlene Alves Calumby foi muito enérgica, mostrando os belos serviços prestados pelo seu Conselho à educação de Sergipe, no Jubileu de Prata, sem deixar de ressaltar a esperança que cerca o relacionamento futuro com outros Conselhos, a partir do Federal, para a arrancada da nova Educação.

(*) Arnaldo Niskier é professor e jornalista